

Alfornelos contra 200 mil tubos de escape por dia

Governo continua sem resolver problema de futuro troço da CRIL, dizem moradores

ANA HENRIQUES

A perspectiva de passar a viver paredes meias com um volume de tráfego da ordem dos 200 mil automóveis por dia continua a indignar a Associação Cívica de Moradores de Alfornelos, que na sexta-feira se reuniu com o secretário de Estado das Obras Públicas para discutir a passagem na freguesia da Circular Regional Interior de Lisboa (CRIL).

“Não aceitamos o projecto do Governo, que, no essencial, é igual à anterior” versão do traçado da via, diz o presidente da associação, Paulo Ferreira,

explicando que Alfornelos corre o risco de “ficar cercada por três vias rápidas”: além da CRIL, o IC16 (radial da Pontinha), que liga esta última à Circular Regional Exterior de Lisboa e, mais tarde, pela Terceira Circular. Os moradores defendem em alternativa que o último troço que falta construir da CRIL seja desviado para a Falagueira ou, em alternativa, que seja escavado um túnel para a passagem da via em Alfornelos, via Azinhaga dos Besouros, que lhes permita manter a qualidade de vida. Só que o projecto do Governo prevê que a CRIL ali passe em trincheira, ou seja, através de uma via rebaixada e separada dos prédios por paredes altas.

Paulo Ferreira recorda que neste cenário Alfornelos ficaria sujeita a um volume de tráfego superior ao das pontes 25 de Abril e Vasco da Gama em conjunto — com a poluição atmosférica e sonora daí decorrente. Os muros altos para separar as habitações da estrada iriam empregar os prédios junto aos quais fossem erguidas, faz notar. “Falta-nos informação detalhada sobre o projecto”, admite o líder do movimento cívico, que vai tentar obter os elementos em falta esta semana. “O secretário de Estado mostrou abertura relativamente à requalificação urbanística do local. Ora meia dúzia de árvores não podem anular os efeitos de 200 mil tubos de escape”.

Outra preocupação dos moradores diz respeito a uma “rotunda gigante” prevista para a fronteira do concelho da Amadora com Carnide, já em Lisboa, “maior do que a do Marquês de Pombal, e com semáforos um pouco mais adiante a dificultar a circulação automóvel”.

“Sugerimos que fizessem no local uma passagem desnivelada. Responderam-nos que o presidente da Câmara de Lisboa não autoriza”, conta Paulo Ferreira, acrescentando que o secretário de Estado informou a associação de que iria agora decorrer um período de consulta sobre este último troço da CRIL. ■

Aqueduto das Águas Livres a salvo

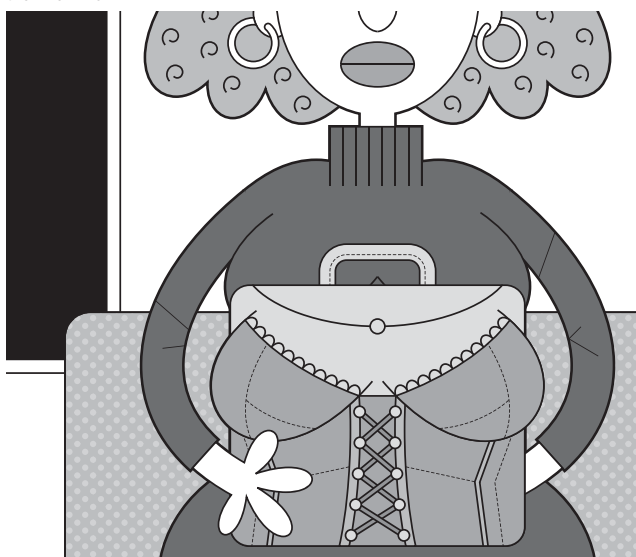
Se há algo com que todas as associações cívicas se congratulam neste novo traçado da CRIL é que ele poupa um troço subterrâneo do Aqueduto das Águas Livres, na Buraca, que em cenários anteriores surgia condenado para a estrada poder passar. A destruição do monumento nacional chegou a ser admitida pelo Instituto Português do Património Arquitectónico, que tem como missão proteger os imóveis de valor reconhecido. A solução alternativa agora apresentada, e que poupa o Aqueduto, consiste em entrar a CRIL naquele local. O presidente da Associação Oficinas do Património e da Reabilitação Urbana, que lançou um abaixo-assinado em defesa do monumento que reuniu perto de dez mil assinaturas, mostra-se satisfeito, mas cauteloso: “Já recebemos do Governo a informação de que o aqueduto será poupado. Mas queremos ver com os nossos olhos de que forma isso será feito”.

INDO EU

RICARDO GARCIA

A MALA-CORPETE

CRISTINA SAMPAIO



A moçoila sentou-se à minha frente, e a experiência mostra que esta é a configuração ideal para a prática da observação analítica. Digo moçoila, mas na verdade era uma mulher feita; foi só recurso de linguagem. Nestes momentos de crise na imprensa, convém caprichar no vocabulário, para não ser despedido por falta de imaginação.

Mas, como ia dizendo, ela sentou-se à minha frente e chamou logo a atenção. Não necessariamente ela, mas um acessório da sua indumentária, concretamente a mala. O leitor deve estar a indagar aos seus botões o que haverá numa mala de senhora que possa estimular a curiosidade geral da nação. E vocês nem imaginam a resposta: seios, meus amigos, a mala tinha seios!

Era decididamente uma peça original. Tinha a forma perfeita de um corpete, em couro preto, amarrado lateralmente com athenas e ornado nas bordas superiores com uns babados transparentes que, se o recheio fosse verdadeiro, fariam rolar muita baba no susceptível meio masculino.

O conjunto era roliço e rígido, simulando um torso bem esculpado de mulher, inclusive o alto relevo das zonas de aleitamento, para utilizar um termo mais pueril. Justinha, a peça não era para qualquer uma. A própria dona da mala, que era mulher de não economizar em carnes, não caberia no espartilho.

Mas, vestida de preto, a mulher formava com a bolsa um todo assinalável. De tal forma que, mal ela entrou no metro, na estação Restauradores, começaram os olhares de soslaio dos demais passageiros — como se olhar de lado fosse sinónimo de discrição.

Ela sentou-se e colocou a mala sobre o colo, provocando ilusões de óptica perturbadoras, dado o realismo do formato. A seguir, pousou as duas mãos cruzadas sobre a mala, na clássica posição de mulher-a-segurar-bolsa-nos-transportes. Inadvertidamente, a mão direita pendeu sobre o seio esquerdo — da mala, não da senhora. E ali ficou, oscilando ao sabor do pára-arranca do comboio, para goáudio das mentes mais perversas.

Durante duas estações, houve intensa circulação de pensamentos naquela carruagem do metro. Bastava olhar

Durante duas estações, houve intensa circulação de pensamentos naquela carruagem do metro. Bastava olhar para a fisionomia dos passageiros, enquanto observavam a insólita composição mulher/mala-corpete

acredito”. Mas, afinal, a conversa não tinha nada a ver com a história.

O que aparentemente ninguém acreditava era que dentro do corpete estaria o conteúdo normal de uma mala de senhora. Uma bolsa daquelas deveria, no mínimo, trazer um chicote.

Quando o metro chegou ao Marquês de Pombal, a mulher levantou-se, acomodou a anatomia à lei da gravidade, pôs a mala ao lado da anca e saiu da carruagem, com alguma exuberância. Era a minha estação também e, sem dar por isso, dei-me a seguir a mala-corpete, à prudente distância dos detectives de filmes de Hollywood.

Observador atento da condição humana, notei que, no seu trajeto pelos corredores do metro, a mulher continuava a atrair a curiosidade alheia, facto comprovado pelos muitos pescoços torcidos em benefício de um melhor ângulo de visão.

Ela ao princípio parecia indiferente. Mas depois fartou-se. Mudou subitamente o curso e parou para tomar um café, num destes quioscos subterrâneos que há nas estações, e que até têm clientes, por incrível que pareça.

Inviabilizada a observação dinâmica daquele fenómeno social, eu segui adiante rumo à Linha Amarela. E nunca mais vi a mala-corpete. ■

mm
MARIA MATOS
TEATRO MUNICIPAL

O Dono
do Nada
de Amélia Muge

No Teatro Maria Matos

1 de Novembro a 17 de Dezembro
sábado às 16h | domingo às 11h30 | M/4 |

Reservas: 218 438 801
www.teatromariamatos.egaac.pt

Ticketline: 707 234 234 Locais de Venda: Fnac | Lojas Viagens ABREU e www.ticketline.sapo.pt

media partner

ec

www.egaac.pt CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA